

Incidência de infecção pelo HIV e mortalidade por aids em adolescentes no Brasil

Incidence of HIV infection and aids mortality in adolescents in Brazil

DOI:10.34119/bjhrv4n3-016

Recebimento dos originais: 05/04/2021

Aceitação para publicação: 03/05/2021

Laura Dourado Ferro

Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás
Rua 235, s/n, Setor Leste Universitário, Goiânia-GO, 74605-050
E-mail: lauraferro@discente.ufg.br

Lucca Lopes Martins

Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás
Rua 235, s/n, Setor Leste Universitário, Goiânia-GO, 74605-050
E-mail: luccalopesm@gmail.com

Letícia Paula Correia

Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde
Fazenda Fontes do Saber, s/n, Rio Verde - GO, 75901-970
E-mail: leticiapaulacorreiaa@gmail.com

Paulo Henrique Ramos de Oliveira Machado

Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás
Rua 235, s/n, Setor Leste Universitário, Goiânia-GO, 74605-050
E-mail: paulohrom.ph@gmail.com

Lívia Pereira do Vaz

Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás
Rua 235, s/n, Setor Leste Universitário, Goiânia-GO, 74605-050
E-mail: liviapvaz@gmail.com

Eloá de Andrade Ferreira

Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás
Rua 235, s/n, Setor Leste Universitário, Goiânia-GO, 74605-050
E-mail: eloadeandrade.med@gmail.com

Waldemar Naves do Amaral

Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás
1ª Avenida, S/N, Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74605020
E-mail: waldemar@fertile.com.br

RESUMO

Introdução: Embora tenha se estabilizado nos últimos anos, a infecção pelo HIV tem tido notificações crescentes na adolescência, possivelmente devido à descoberta da sexualidade, à multiplicidade de parceiros e ao baixo uso de preservativos serem mais

comuns nessa fase. Assim, é relevante analisar a epidemiologia de HIV/AIDS em adolescentes no Brasil. Objetivos: Analisar a incidência de infecção pelo HIV e mortalidade por AIDS em adolescentes no Brasil. Métodos: Estudo ecológico, retrospectivo, com consulta ao Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre HIV/AIDS de 2019, contendo dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) e Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) de 2007 a 2019. Resultados: Segundo dados do SINAN, de 2007 até junho de 2019 foram notificados 300.496 casos de infecção pelo HIV no Brasil, sendo 0,2% entre 10-14 anos e 5,7% entre 15-19 anos, com maior percentual relativo de adolescentes no sexo feminino que no masculino. Embora tenha menor percentual relativo, os casos absolutos em meninos de 15-19 anos entre 2011 a 2018 cresceram mais que em meninas nessa faixa, aumentando de 351 para 1671, enquanto em meninas, de 315 a 734. Quanto ao coeficiente de mortalidade por AIDS de 2008 a 2018, observou-se redução tanto na faixa dos 10-14 anos (de 0,3 para 0,1) quanto na dos 15-19 anos (de 0,8 a 0,6), valendo destacar que em ambos os sexos esse coeficiente foi semelhante. Conclusão: A diminuição da mortalidade por AIDS entre adolescentes e o aumento na incidência de HIV entre 15-19 anos, especialmente no sexo masculino, sugerem melhora na perspectiva de tratamento, porém carência na prevenção da infecção. Portanto, esses indicadores podem potencializar intervenções e ações em saúde que atuem especialmente na prevenção dessa infecção na adolescência, através de campanhas que conscientizem quanto à importância de práticas sexuais seguras.

Palavras-chave: HIV, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, Mortalidade, Adolescente.

ABSTRACT

Introduction: Although it has stabilized in recent years, HIV infection has had increasing reports in adolescence, possibly due to the discovery of sexuality, the multiplicity of partners and the low use of condoms being more common at this age. Thus, it is relevant to analyze the epidemiology of HIV/AIDS in adolescents in Brazil. Objectives: To analyze the incidence of HIV infection and AIDS mortality in adolescents in Brazil. Methods: It is an ecological and retrospective study based on the Ministry of Health's Epidemiological Bulletin on HIV/AIDS of 2019, containing data from the Notifiable Diseases Information System (SINAN) and Mortality Information System (SIM) from 2007 to 2019. Results: According to SINAN data, from 2007 to June 2019, 300,496 cases of HIV infection were reported in Brazil, with 0.2% between 10-14 years old and 5.7% between 15-19 years old, with a higher relative percentage of adolescents in women than in men. Although it has a lower relative percentage, the absolute cases in men aged 15-19 years between 2011 and 2018 grew more than in women in this range, increasing from 351 to 1671, while in women, from 315 to 734. Regarding the AIDS mortality coefficient from 2008 to 2018, there was a reduction in the range of 10-14 years old (from 0.3 to 0.1) and in the 15-19 years old (from 0.8 to 0.6), with similar coefficient in both genders. Conclusion: The decrease in AIDS mortality among adolescents and the increase in the incidence of HIV between 15-19 years old, especially in males, suggest an improvement in the perspective of treatment, although there is a lack of infection prevention. Therefore, these indicators can enhance health interventions and actions that work especially in the prevention of this infection in adolescence, through campaigns that raise awareness of the importance of safe sexual practices.

Keywords: HIV, Sexually Transmitted Diseases, Acquired Immunodeficiency Syndrome, Mortality, Adolescent.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência, segundo a Organização Mundial de Saúde, é um período que se estende dos 10 aos 19 anos, em que há grandes mudanças físicas, psicológicas e comportamentais na vida do indivíduo. Diversos fatores característicos dessa fase da vida predis põem o adolescente a uma maior vulnerabilidade quanto a infecção por Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (LIMA; PEDRO, 2008).

A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) representa um fenômeno dinâmico e presente tanto em países desenvolvidos, quanto em subdesenvolvidos, cuja ocorrência depende de uma série de fatores socioeconômicos, políticos, culturais, entre outros (TOLEDO et al., 2011). Considerando a latência média da doença sendo um período de 7 a 10 anos após infecção, pode-se supor que parte significativa das notificações de infecção por HIV na faixa etária de 25 a 29 anos corresponda a pacientes que se infectaram no período da adolescência ou início da juventude, o que torna a situação mais preocupante (BRASIL, 2006).

Nesse contexto, os adolescentes constituem um grupo vulnerável e de alto risco para a infecção pelo HIV, visto que os jovens estão iniciando suas vidas sexuais cada vez mais cedo, numa média de 15 anos para ambos os sexos (BORGES; SCHOR, 2005), e muitas vezes eles não se atentam quanto às formas de proteção contra gestação e ISTs, como o HIV (MANLOVE et al., 2008; KIRBY et al., 2007).

Nessa faixa etária, há a descoberta da sexualidade, liberdade sexual, multiplicidade de parceiros, não adesão ao uso de preservativo, necessidade de afirmação no grupo, sendo também importantes fatores nesse contexto. O pensamento abstrato, ainda incipiente nos adolescentes, faz com que eles sintam-se invulneráveis, de forma a aumentar suas exposições a riscos sem preverem suas consequências (TAQUETTE et al., 2004).

Nesse sentido, com a alta prevalência de HIV em adolescentes, é relevante a discussão a respeito da mortalidade dessa doença entre essa faixa etária.

2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo ecológico, retrospectivo, realizado por meio de análise dos dados contidos no Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde do Brasil sobre HIV/AIDS de 2019, publicado em dezembro do mesmo ano. Realizou-se também uma análise da notificação dos casos e de óbitos, além de outros dados, obtidos a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), Sistema de Controle de Exames Laboratoriais (SISCEL) e Sistema de Controle Logístico de Medicamentos (SICLOM).

Os resultados selecionados para a faixa etária de interesse foram analisados e discutidos, a fim de identificar tanto casos novos quanto óbitos por HIV e AIDS em adolescentes de ambos os sexos no território brasileiro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados do SINAN, de 2007 a junho de 2019, o Brasil registrou 300.496 casos de infecção pelo HIV, sendo 746 (0,2%) na faixa etária entre 10 e 14 anos e 17.169 (5,7%) entre 15 e 19 anos. De 2008 a 2018, observou-se uma estabilidade no percentual de casos notificados por HIV entre 10 e 14 anos em relação às demais faixas etárias, sendo que, entre homens, manteve-se por volta de 0,1% e, entre mulheres, em torno de 0,5%. Entre as idades de 15 e 19 anos, esse percentual aumentou de 5,2% para 5,9% de 2008 a 2013 e reduziu de 6% para 5,5% em 2014 e 2018, respectivamente, correspondendo a cerca de 5,2% em homens e 6,9% em mulheres nos 10 anos avaliados (BRASIL, 2019).

Dessa maneira, entre 10 a 14 anos houve estabilidade no percentual feminino e masculino. E entre as meninas, a taxa de detecção apresentou queda de 62,5% na faixa etária de 10 a 14. Em 2018, todas as faixas etárias, exceto aquelas até 14 anos, apresentaram taxas de detecção no sexo masculino superiores às taxas no sexo feminino. E entre os homens, nos últimos dez anos, observou-se um crescimento na taxa de detecção entre aqueles de 15 a 19 anos (BRASIL, 2019). Conclui-se que o sexo feminino apresenta maior percentual relativo de infecção pelo HIV no Brasil do que o sexo masculino. Embora tenha menor percentual relativo, os casos absolutos em meninos de 15-19 anos entre 2011 a 2018 sofreram um aumento maior em comparação aos das meninas nessa mesma faixa etária, aumentando de 351 para 1671 em meninos, enquanto em meninas, de 315 para 734.

Quanto ao coeficiente de mortalidade entre 2008 e 2018 tanto total quanto em cada sexo, constatou-se redução de 0,3 para 0,1 por 100.000 habitantes na faixa de 10 a 14 anos, e de 0,8 a 0,6 por 100.000 habitantes entre 15 e 19 anos (BRASIL, 2019). Porém, considerando todas as faixas etárias e não só a adolescência, o número absoluto de óbitos por HIV em homens foi praticamente o dobro em relação ao de mulheres de 2008 a 2018.

Quanto à exposição em 2018, 86,2% dos indivíduos menores de 13 anos tiveram como via de infecção a transmissão vertical, ao passo que, entre indivíduos com 13 anos ou mais, a principal via de transmissão foi a sexual, tanto em homens (78,9%) quanto em mulheres (86,9%) (BRASIL, 2019).

Aproximadamente um terço da população mundial encontra-se na faixa etária entre 10 e 24 anos e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é nesta faixa de idade que se concentra metade das infecções por HIV. A maioria dos jovens torna-se sexualmente ativa na adolescência e muitos antes dos 15 anos de idade. No Brasil, estima-se que, anualmente, quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos (BRASIL, 2006).

Perante a leitura e análise dos resultados, em relação à incidência e exposição ao HIV, nota-se que a via de transmissão no grupo de 10 a 13 anos é vertical, ou seja, a geração que nasceu infectada pelo vírus. Já nos indivíduos com idade maior que 13 anos, a principal via de transmissão é a sexual. Subtende-se que é nessa faixa etária onde a maioria dos adolescentes inicia a vida sexual, estando mais propensos a adquirirem ISTs. Além disso, evidenciou-se um aumento na incidência de HIV nos adolescentes entre 15 e 19 anos, especialmente no sexo masculino (BRASIL, 2019). As variáveis uso de tabaco, bebidas alcoólicas, drogas ilícitas, número de parceiros, uso infrequente do preservativo, baixa idade das primeiras relações sexuais, atraso escolar e fatores sociais e estruturais como estigma, discriminação por gênero e raça tiveram uma associação estatisticamente significativa com ser portador de HIV (CRUZEIRO, 2010).

Em relação à mortalidade, no período de 2008 a 2018, verificou-se uma queda de 24,1% no coeficiente de mortalidade padronizado para o Brasil, que passou de 5,8 para 4,4 óbitos por 100.000 habitantes. A razão de sexos observada em 2018 foi de 2 óbitos em homens para cada 1 óbito em mulheres, taxa que vem apresentando comportamento linear desde 2005. Em relação à faixa etária de 15 até 19 anos de idade, não foram observadas diferenças expressivas no ano de 2018 entre os coeficientes de mortalidade por sexo. Em todas as demais faixas etárias, o coeficiente de mortalidade é maior em homens (BRASIL, 2019).

Em geral, nos últimos 10 anos, os coeficientes de mortalidade apresentaram queda na grande maioria das faixas etárias, sendo que as maiores reduções ocorreram em indivíduos de até 14 anos. Já quanto a proporção de óbitos, houve redução na faixa etária adolescente em ambos os sexos.

4 CONCLUSÃO

A mortalidade por Aids em adolescentes está relacionada com a fragilidade em diagnosticar precocemente os casos de infecção, bem como monitorar o estado de saúde desses indivíduos. Logo, é de suma importância a compreensão da necessidade do seguimento para a manutenção da saúde. O esquema medicamentoso é singular para cada adolescente e a indicação de esquema varia conforme o momento em que ocorreu a infecção e a evolução da doença. Sendo assim, é imprescindível o acompanhamento do estado de saúde dessa faixa etária, com adequada realização de exames laboratoriais periódicos devido à necessidade de monitoramento da imunidade e efetividade do tratamento. O acesso aos serviços de saúde mostra a necessidade de construir vínculos entre profissionais, adolescentes e famílias para se obter segurança e comprometimento no caminho clínico, social e de sobrevivência. Vínculos sólidos com o serviço de saúde e seus cuidadores e tratamento continuado garantem qualidade de vida, uma vez que a integralidade da atenção se mostra associada à maior sobrevida (BRASIL, 2006).

É necessário aprofundar o conhecimento sobre as primeiras práticas sexuais dos adolescentes, bem como a compreensão das atitudes na iniciação da vida sexual de homens e mulheres jovens, moldando o comportamento e auxiliando na decisão consciente, resultando em sexo seguro, com conseqüente redução das taxas de infecção. O acolhimento, monitoramento dos pais e cuidadores, diálogo sobre sexualidade, uso de drogas e respeito à diversidade da orientação sexual são alguns dos pontos a serem executados nesse processo (BORGES, 2005). Para tanto, é imprescindível a conscientização e conhecimento sobre métodos contraceptivos e proteção contra ISTs, em conjunto a abordagem desses assuntos na família, na escola e também nos serviços de saúde. A educação sexual formal é fundamental para aumentar a chance de uso e consistência do preservativo, mesmo em relacionamentos estáveis. Ações de prevenção, controle e informação são os melhores recursos para diminuir a crescente da incidência de infecção por HIV nessa população (CRUZEIRO, 2010).

Os dados epidemiológicos de mortalidade por HIV e incidência da doença revelam uma manutenção relativa da morbimortalidade ao longo dos anos e diminuição

do coeficiente de mortalidade entre adolescentes. O cenário evidencia a efetividade das ações de tratamento, promoção e manutenção da saúde dos adolescentes que vivem com o HIV, por outro lado expõe a carência de ações de prevenção do adoecimento, principalmente entre aqueles na faixa etária entre 15 e 19 anos onde foi observado taxas maiores de detecção do vírus. Dessa forma, os indicadores de mortalidade e incidência do HIV podem contribuir no combate à doença através de diagnósticos epidemiológicos que evidenciem pontos vulneráveis como o acesso aos serviços de saúde, a qualidade da atenção, a heterogeneidade do cuidado e a vulnerabilidade de grupos específicos. Tais análises têm o potencial de aprimorar as intervenções e ações em saúde no sentido de prevenir a infecção pelo HIV na população adolescente.

REFERÊNCIAS

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N.. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 499-507, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Manual de rotinas para assistência de adolescentes vivendo com HIV/AIDS. Brasília: **Ministério da Saúde**; 2006.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. HIV e AIDS. **Biblioteca Virtual em Saúde. Ministério da Saúde**. Brasília, DF. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2409-hiv-e-aids>. 2019. Acesso em: 26 de Março de 2021.

CRUZEIRO, A. L. S. et al. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1149-1158, 2010.

KIRBY, D. B. et al. Sex and HIV education programs: their impact on sexual behaviors of young people throughout the world. **Journal of adolescent Health**, v. 40, n. 3, p. 206-217, 2007.

LIMA, A. A. A.; PEDRO, E. N. R. Crescendo com HIV/AIDS: estudo com adolescentes portadoras de HIV/AIDS e suas cuidadoras-familiares. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 348-354, 2008.

MANLOVE, J. et al. Condom use and consistency among male adolescents in the United States. **Journal of adolescent health**, v. 43, n. 4, p. 325-333, 2008.

TAQUETTE, S. R. et al. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 37, n. 3, p. 210-214, 2004.

TOLEDO, M. M. et al. Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 64, n. 2, p. 370-375, 2011.